



QREN não se pode substituir à banca

"Compete +"

- O gestor deste programa, co-financiado pela UE, deixou claro que as verbas são insuficientes para financiar o relançamento da economia portuguesa.
- A solução passa por partilhar o risco nalgumas operações com o sistema financeiro nacional.
- As micro e pequenas empresas inovadoras vão ser os principais destinatários destes apoios.

21 mil milhões

- O (QREN) Quadro de Referência Estratégico Nacional tem 21 mil milhões de euros para sete anos, o que significa cerca de 7 mil milhões de euros por ano.
- A verba do QREN não consegue fazer frente à falta de liquidez da banca para apoiar o tecido empresarial português.

Solução intermédia

- Os fundos comunitários só podem ser uma solução intermédia, até que volte a ser possível aceder ao crédito.
- Investimento nos grandes projectos está fora de causa.

Internacionalização

- A criação de empresas, os projectos de inovação e a internacionalização vão ser prioritários este e no próximo.
- O objectivo é utilizar o investimento português e comunitário para introduzir mudanças estruturais na economia portuguesa.

Competitividade Portugal recupera um lugar no ranking mundial

Só não somos melhores porque estamos em 140.º no mercado laboral

MARGARIDA BON DE SOUSA
margarida.bondesousa@jonline.pt

O grande marketing à volta do choque tecnológico feito pelo anterior primeiro-ministro, José Sócrates, fez Portugal subir um lugar no ranking da competitividade, passando do 46.º lugar para o 45.º no estudo anual da WEF World Economic Forum, que este ano analisou 142 países. Em contrapartida, o mercado laboral continua a ser o nosso calcanhar de Aquiles: ficámos na cauda, na 140.ª posição.

Em primeiro lugar ficou a Suíça e em segundo Singapura, que ultrapassou a Suécia. Os Estados Unidos perderam a quarta posição para a Finlândia, ocupando agora o quinto lugar, e o Japão caiu três posições, para o nono lugar. A descida da competitividade dos Estados Unidos explica-se pela instabilidade macroeconómica e o pior funcionamento das instituições.

Melhor foi a performance conseguida pelo Reino Unido, que entrou no pelotão dos dez melhores, subindo duas posições, enquanto a Alemanha de Merkel recuou um lugar, para o sexto. Entre os melhores encontram-se também os Países Baixos e a Dinamarca.

O estudo deste ano, apresentando ontem nas instalações da AESE (Escola da Direcção e Negócios), revelou outros dados interessantes sobre a evolução da competitividade a nível global.

Enquanto antes havia um grande gap entre os países emergentes e os mais desenvolvidos, agora há uma maior uniformidade entre ricos e pobres, com uma melhoria significativa dos BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China).

Ao nível da Europa assistiu-se ao crescimento de um fosso entre os países, com estados a terem uma performance muito elevada e outros, como a Grécia, que desceu para a 90.ª posição a nível mundial.

A amostragem utilizada este ano incluiu um vasto inquérito a 14 mil pessoas, com uma série de índices, como as instituições, as infra-estruturas, o ambiente macroeconómico, a saúde e a educação, os estudos universitários e a formação, a eficiência dos mercados de bens transaccionáveis, laboral e financeiro, tecnologias, tamanho do mercado, sofisticação dos negócios e inovação. Em Portugal foram entrevistadas 136 pessoas, 35% das quais através da internet.

Portugal, que vinha a perder compe-



titividade desde 2005, inverteu este ano a tendência. Nalguns aspectos, como infra-estruturas, telemóveis *per capita*, tecnologias de ponta, experimentação, exportações e acesso à banda larga, estamos mesmo à frente da média dos países da União Europeia.

BETÃO Onde Portugal marca verdadeiramente pontos é nas infra-estruturas rodoviárias: estamos em quinto lugar. Melhorámos também em termos de edu-

No betão Portugal marca pontos. Estamos no 5.º lugar em termos de infra-estruturas rodoviárias

O factor inovação tem uma ponderação de 30% no cálculo da prosperidade económica

P&R

Instituições precisam de maior eficácia

BELGICA SOBE

A Bélgica subiu quatro lugares, para a 15.ª posição. O país onde está sedeada a Comissão Europeia foi o que mais recebeu em investimento directo estrangeiro, logo depois dos Estados Unidos e da China.

12

É este o número de pilares sujeitos a avaliação. Cada um deles inclui várias subdivisões, como qualidade das infra-estruturas ou spreads.

IRLANDA MANTEM

A Irlanda manteve-se na 29.ª posição. A competitividade da Espanha melhorou. O país subiu da 42.ª posição para a 36.ª, mas é ultrapassado por países como Porto Rico, Kuwait, Oman, Emirados Árabes Unidos e Coreia do Sul.

70%

da inovação vem dos colaboradores e da gestão e 20% da ligação das universidades às empresas. Afinal a I&D não é tudo.



P&R

Aposta deve ser feita nas pequenas e médias empresas

Como podemos melhorar a competitividade? Portugal deve intensificar as reformas com a finalidade de aumentar a competitividade e o crescimento da economia, centrando a aposta nos estímulos às suas pequenas e médias empresas.

É suficiente continuar a apostar nas novas tecnologias? A aposta nos factores que já são hoje francamente positivos, como a tecnologia, a inovação e as infra-estruturas, só será ganha se houver uma evolução significativa no ambiente macroeconómico.

O que mais afecta o PIB português? A despesa pública, o ambiente macroeconómico, a eficiência do mercado de trabalho e a política agrícola.

Pode considerar-se esta subida uma vitória? Até certo ponto sim. Esta subida de score da competitividade portuguesa (de 4,38 para 4,40 num máximo de 7,0) foi alcançada num enquadramento financeiro crítico, em plena intervenção da troika, com um plano rígido de austeridade e perante perspectivas negativas para os próximos dois anos.

Reforma autárquica adiada terá ainda mais custos

O alerta foi dado por Ferraz da Costa em debate centrado na crise da indústria

Pedro Ferraz da Costa foi ontem bastante crítico relativamente à actuação do actual governo, num debate que se seguiu à apresentação do estudo e no qual participaram Carlos Martins, da Martifer, Ângelo Paupério, da Sonae, Rui Semedo, do Banco Popular, e Nelson de Sousa, gestor do programa Compete.

"A nossa indústria é um dos sectores que mais perderam competitividade nos últimos anos", disse o presidente do Fórum para a Competitividade. "Oitenta e dois por cento do PIB é hoje criado pelos serviços." O antigo presidente da CIP recorda que na indústria houve aumentos salariais acima da produtividade, que "nos roubaram 30 pontos em termos de competitividade externa".

Ferraz da Costa alertou ainda para o facto de ninguém em Portugal querer assumir que "vamos ter de forçar as pessoas a consumirem menos. Existe 70% do consumo no PIB. Se fosse poupança forçada... Mas não é transferindo dinheiro das empresas para o Estado que se resolve a questão. Este gasta de mais. Todos contribuíram para o aumento da despesa primária ao longo destes anos". Outro tema quente focado pelo empresário foi a reestruturação autárquica. "Acredito que há um elevado grau de probabilidade de o actual governo tentar adiá-la", disse.

Outro dos intervenientes no debate, Ângelo Paupério, realçou que a boa posição obtida nas telecomunicações se deve essencialmente a um grande esforço de investimento privado. "O problema das empresas prende-se mais com o país, não tem a ver com o risco empresarial, embora os custos de acesso à liquidez estejam a níveis que nunca vivemos nos últimos anos", disse.

Rui Semedo, do Banco Popular, lembrou que o sector está nas mesmas condições que as empresas no acesso ao crédito, avisando que o processo vai ser longo e doloroso, à semelhança do que aconteceu noutros países, como o Japão, onde a recuperação levou dez anos.

cação superior e formação, embora a matemática se mantenha um ponto fraco. Nestas duas áreas ficámos em 35.º lugar, com um score de 4,62 em 7.

Em contrapartida, piorámos nos pontos sobre a qualidade das instituições, o ambiente macroeconómico e o desenvolvimento do mercado financeiro, o que teve principalmente a ver com a disponibilidade de crédito para empresas.

O presidente da AESE, José Ramalho Fontes, um dos oradores da sessão, referiu que as classificações em si mesmas não são assim tão importantes, salientando que o que está em causa é continuarmos a aumentar a competitividade. "E queremos fazê-lo nos próximos anos, pese o facto de poderem ser ainda mais críticos que o que possamos pensar." O responsável pela escola de formação de quadros superiores ligada à Universidade Católica referiu que a competitividade induz produtividade quando existem investimentos bem feitos, com boas taxas de retorno, que levem à prosperidade e ao crescimento da economia. "O factor da inovação tem uma ponderação de 30%, o que é importante", explicou.

A sofisticação dos negócios foi outro

O plano tecnológico de José Sócrates acabou por determinar a subida de Portugal no ranking da competitividade mundial

FERNANDO VELDUDO/LUSA

dos itens onde Portugal melhorou, embora tenhamos piorado na capacidade de delegação de autoridade e nos fornecimentos internos, quer ao nível da qualidade, quer ao nível da quantidade. A subida de Portugal no ranking depende essencialmente da melhoria das instituições, da redução da despesa pública, da extinção de organismos, da racionalidade das estruturas de gestão, da eficiência da justiça, com maior arbitragem e reorganização do sistema social. Actualmente estamos no segundo pelotão de países, lado a lado com a Irlanda, a Nova Zelândia e o Chile.

CEO CONFIANTE

A confiança dos CEO mundiais está ao nível de 2007, antes da crise económica. Não sendo um sentimento generalizado, mas globalmente maioritário, pode significar que o pior já passou.

14.º

O Qatar ocupa este lugar, consolidando a sua posição entre os 20 melhores ao nível da competitividade. A Arábia Saudita em 17.º e Israel em 22.º

EUA INFELIZES

A felicidade e o bem-estar não se medem apenas pela boa saúde do PIB. Os Estados Unidos foram o país que mais cresceu a este nível, e mas onde o grau de felicidade e de satisfação mais diminuiu.

50.ª

É a posição da África do Sul no ranking. Abaixo vem Mauritânia, no 54.º lugar. Nos melhores lugares surge ainda o Ruanda.

CHADE EM ÚLTIMO

O país ficou em 142.º lugar, tendo-se mantido no mesmo lugar que no último relatório. Em penúltimo lugar ficou o Haiti, seguido do Burundi. Angola ocupa a 139.ª posição, apesar das suas riquezas naturais.